

# DO SILÊNCIO TORTURADOR PARA A LITERATURA CONTESTADORA

Adriane Hinkel<sup>1</sup>

*Sou o poeta  
dos torturados,  
dos “desaparecidos”,  
dos atirados ao mar,  
sou os olhos atentos  
sobre o crime.  
(Tierra, Poema – Prólogo)*

## **Apresentação do entrevistado: Quem é Pedro Tierra?**

Hamilton Pereira da Silva, militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), foi preso em 10 de junho de 1972, quando tinha 24 anos, em Anápolis – Goiás. Foi acusado de subversão e de atentar contra a segurança nacional. Submetido a longos períodos de tortura, permaneceu cerca de três meses incomunicável em quartéis do Exército, em Goiânia e em Brasília.

Foi transferido de Brasília para São Paulo, onde esteve detido de março a outubro de 1973 na Oban/DOI-CODI (Operação Bandeirante/Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operação de Defesa Interna), na rua Thomaz Carvalhal esquina com rua Tutóia, um dos mais tristemente famosos centros de tortura do regime militar. Foi, então, enviado ao Presídio do Hipódromo, depois à Casa de Detenção no Carandiru, à Penitenciária do Estado de São Paulo e ao Presídio do Barro Branco. Condenado inicialmente a 12 anos de reclusão sua pena foi fixada, após recurso, em cinco anos. Ele somente foi solto em 10 de março de 1977, após cumpri-la integralmente. Atualmente, conhecido por Pedro Tierra, trabalha na Agência Nacional das Águas. Está prestes a relançar seu livro mais famoso, *Poemas do povo da noite*, em comemoração aos 30 anos de anistia política.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras, da UNEMAT – Campus de Sinop. Bolsista de Iniciação científica da FAPEMAT (2008). E-mail: adrianehinkel@gmail.com

Mais uma vez saberemos através de Tierra que “o murmúrio denuncia que a vitória não foi completa. Dobra o silêncio e envia o abraço de alguém cujo rosto nunca vimos e, todavia, amamos” (trecho do poema *Sobreviveremos*).

**Adriane Hinkel: Como foi composto o livro de poesia *Poemas do povo da noite*?**

*Pedro Tierra*: Primeiro, tentei remeter os poemas para meus familiares e amigos por meio de cartas, mas como estas eram submetidas a censura antes de serem enviadas, os poemas acabavam não chegando a seus destinatários. Então inventei uma estratégia. Nas cartas, que eu enviava eu dizia que havia lido em alguns livros que existiam na prisão certos poemas de um autor chamado Pedro Tierra – dos quais gostara muito, e os reproduzia nas cartas. (Certamente foi dessa forma que nasceu o pseudônimo com que assinaria os poemas e o livro que primeiro os reuniria, publicados quando o autor ainda estava preso: *Poemas do Povo da Noite*.)

Depois, foi necessário outro expediente para enviar os poemas para fora da prisão: escrevia-os em papel de cigarros que eram colocados dentro de canetas, junto com a carga das mesmas. O qual foi um exercício para mim... tinha um colega que pegava uma folha de papel A4 e pedia que eu escrevesse nela, então a dobrava e pedia que escrevesse a mesma coisa em letras menores até que a dobrava em quatro partes. Cada vez as letras diminuía mais.

O advogado Luiz Eduardo Greenhalgh visitava os presos políticos quase semanalmente. Numa das ocasiões, levou duas canetas Bic escrita fina. Ainda me lembro perfeitamente delas são essas canetas, que são vendidas até hoje, são amarelas por fora, não permitindo ver a carga em seu interior. Ele deixou uma das canetas comigo. Na semana seguinte, entreguei a ele a caneta que havia ficado comigo, e enrolados na carga estavam dois poemas meus escritos em papel de cigarro, com letra bem pequena. Ele me deixou a caneta que estava com ele, para na semana seguinte repetirmos a operação. Assim saíram muitos dos poemas que compõem o livro”.

**Adriane Hinkel: Fale-nos da nova re-edição do livro *Poemas do povo da noite*.**

*Pedro Tierra*: “Quase 30 anos de anistia política o autor avalia que a obra *Poemas do povo da noite* cumpriu o papel da poesia militante, cumpriu de maneira

significativa, em um período em que saíamos de um Estado policial, opressivo, para uma etapa de renascimento dos movimentos sociais no país”.

A Lei da Anistia foi aprovada em agosto de 1979 –, nessa época a obra teve forte repercussão entre os setores de esquerda do Brasil. Muitos dos Versos dos poemas foram usados em camisetas, em cartões postais em favor da anistia. E ao completar 30 anos de anistia o livro será publicado novamente. O livro será relançado neste ano (2009) em comemoração aos 30 anos de anistia no Brasil. Agora uma edição que traz os comentários de escritores como Tristão de Athayde.

**Adriane Hinkel: Em meio a tantos martírios na prisão, houve uma visita especial. Conte-nos como conheceu Dom Pedro Casaldáliga.**

*Pedro Tierra:* Eu estava preso e de repente o carcereiro disse que tinha uma visita para mim. Eu pensei que fosse meu irmão. Não era. Era o bispo Casaldáliga, magrelinho (risos) – isso foi em 1974. Conversamos e daí nasceu um laço forte, mostrei para ele meus poemas e ele disse que faria o prefácio de meu livro. E a partir daí nossa amizade perpetuou.

No momento dessa visita surpreendente de Casaldáliga, nós (os presos) demos um presente para ele, (na época fazíamos trabalhos artesanais; bolsas, sandálias, etc.) demos a ele uma sandália. Mais tarde no aniversário de Pedro (75 anos) eu escrevi um poema *Uma sandália para o peregrino* (risos).

**Adriane Hinkel: Qual seu ponto de vista diante da questão de um padre assumir uma posição social? O comprometimento e engajamento de Casaldáliga denunciam a voz de alguém que fala pelos subalternos e excluídos. Há discordâncias sobre isso em estudos do pós-colonialismo que afirmam que a partir do momento que há uma representação, o excluído perde a subalternidade.**

*Pedro Tierra:* Uma figura como Pedro, com a autoridade de quem colou a vida na palavra de tal maneira que não há um hiato entre a intenção e o gesto. Ele fala com a autoridade de quem viveu. E porque a história é dinâmica, a exclusão não é perpetua, vivenciamos isso no Brasil. Nós vivemos um processo em que os excluídos de sempre (ou parcelas mais organizadas dos excluídos) alcançaram, de maneira desigual ou contraditória, a condição de protagonista. Então, penso que a posição que Pedro assume é perfeitamente digna de alguém que se preocupa de fato com os mais pobres.

**Adriane Hinkel:** Como você vê a postura dos índios nesse pós-colonialismo? Eles já não são talvez tão vítimas em questão? Será que de fato eles não estão de certa forma sendo violentos como no caso do engenheiro da Eletrobrás. Casaldáliga sempre defendeu os índios, até na sua *Proclama indígena*, poema longo e bastante apologético aos índios...

*Pedro Tierra:* Acho que é um erro enxergarmos as populações indígenas como vítimas. Eles são parte do processo. Eles sofrem e não há como negar isso, pois o processo de colonização foi genocida, isso é fato histórico irrevogável. Agora, isso não significa que os índios se puseram de joelhos de mãos atadas, de cabeça curvada esperando o golpe. O genocídio se deu porque eram desiguais as forças, não significa que não tenha havido luta eu diria até que em certos aspectos houve uma espécie de ressurreição que é o que ocorre hoje no Brasil. As populações indígenas especificamente o povo Tapirapé que, em 1953, quando chegaram as irmãs de Foucauld (Beato Charles Eugène de Foucauld), havia 36 pessoas desse povo a margem do Rio Araguaia ao norte da ilha do bananal no nordeste de MT. Hoje depois de 50 anos, eles são 700. Esse povo que estava condenado a desaparecer devido ao avanço de latifúndios foram capazes ... com o apoio da igreja, através da Prelazia de São Felix do Araguaia, dirigido por Pedro e pelo apoio das irmãs magníficas que não foram para lá para catequizar os índios, mas para conviver com eles e não matar a cosmologia indígena e colocar a cruz no lugar. Esse povo renasceu, readquiriu a vontade de viver e de enfrentar as adversidades. Então, eu diria verdadeiramente que é um caso de ressurreição.

**Adriane Hinkel:** como você compreende a teologia da libertação?

Para mim a Teologia da Libertação é a expressão popular da religiosidade desse continente que buscou uma identificação com os princípios de cristianismo. Isso gera tensões contradições rupturas e conciliação.

Tem um aspecto que me parece importante destacar: que esse é um continente vivo, um continente jovem e que a exemplo do que ocorreu no barroco. A quem diga que o barroco do Aleijadinho do índio Condari que esculpiu os capitéis da igreja de São Luiz de Potossi na Bolívia é superior ao Barroco europeu. Acredito modestamente que a

Teologia da Libertação é uma hipótese avançada de sobrevivência de cristianismo sobre a esclerose do cristianismo Romano quem tem a cúria como seu modelo.

A teologia da libertação aponta para o futuro porque aponta para a diversidade. Continente não cristalizado. Não é à toa que a teologia da libertação nasceu na América Latina e não em outro lugar. É porque aqui nós temos uma tradição que vem da colonização europeia fortíssima colonização da contra reforma, Espanha e Portugal sobre tudo. Agora, a isso sim encorpou a energia que vem da população escrava, a que foi transplantada da África para cá sob condições terríveis desumanas brutais, genocidas e as populações indígenas, originárias, donos de uma cronologia própria especial, muito mais ampla do ponto de vista com relação a natureza, do que o próprio Europeu que buscou digamos numa condição desigual digerir o cristianismo que chegou com a cruz e a espada. A teologia da libertação num certo sentido tenta produzir uma síntese desse processo. Eu não sei se isso é possível, mas de certo modo ela estabelece um processo de profunda modificação na produção do pensamento teológico do mundo, então a Teologia da Libertação não é uma teologia apenas latino americana, ela exerce influência sobre teologias do mundo inteiro.

#### **Adriane Hinkel: e como entende o MST?**

*Pedro Tierra:* O MST é seguramente o mais importante movimento social do Brasil, desde o início dos anos 90. Esse movimento tem uma característica além dos projetos anteriores e da lidas camponesas que é uma forte fonte de inspiração e do sindicalismo formal que o precedeu. O movimento hoje está diante de novos desafios, digo que continuo solidário com o movimento.

**Adriane Hinkel: Dom Pedro afirmou em uma entrevista que “já faz um bom tempo que sobretudo no terceiro mundo (concretamente no nosso Brasil, na nossa América), se vem proclamando por cientistas sociais e dirigentes populares que hoje só a participação ativa, pioneira, de movimentos sociais pode retificar o rumo de uma política de privilégio para uns poucos e de exclusão para a desesperada maioria”. Você concorda com o que o bispo disse?**

Eu concordo em linhas gerais, pois quem resolve o problema é quem sente o problema. Então, é a sociedade e não o Estado. Eu não sou estadista, acho que as experiências estatais de buscar soluções coletivistas não deram certo historicamente.

Eu me considero socialista democrático, Odeio qualquer tipo de ditadura, pra mim não há condições em relação a isso.

O que eu quero do PT que é o meu partido é que a gente não perca essa herança das lutas de 150 anos da classe operária dos camponeses do mundo inteiro. De 1848 para cá incorporando sim os avanços que a revolução russa produziu, agora, sem ignorar os crimes que em nome da revolução foram cometidos. Quero que a gente incorporando isso não abra mão do exercício da democracia. A juventude brasileira hoje, talvez, não tenha ideia do valor do estado de direito. Eu aprendi o que era estado de direito quando eu estava pendurado de cabeça para baixo num pau de arara. Então a gente dá valor no que é estado de direito, quando você conversa com seu “interrogador” (maneira que Tierra chama seus torturadores) olhando-o de baixo para cima, então você tem ideia do valor disso.

### **Adriane Hinkel: é possível compatibilizar desenvolvimento e sustentabilidade ambiental?**

Esse é o grande desafio do século XXI. Um país como o Brasil culturalmente nós estamos cercados por um ambiente generoso de recursos. Para o brasileiro falar em limite de recurso natural é coisa de louco, paranoico. Como que derrubar uma árvore cria problema se tem milhões delas? Nossa cultura está assentada sobre uma percepção que os recursos naturais são infinitos. Portanto não pode haver qualquer tipo de questionamento contra o progresso, pois se os recursos são infinitos. Quando se tenta qualificar qual é o progresso que nos convém o sujeito é tido como reacionário servidor dos interesses estrangeiros etc. Nós temos que enfrentar um desafio que resulta numa fórmula sintética. O Brasil foi o que mais cresceu no séc. XX, nós crescemos em todos os períodos do século; era Vargas (regime militar) Juscelino (que é extensão da era Vargas) apesar das eleições democráticas. Crescemos concentrando renda, produzimos a sociedade mais desigual do mundo. E junto a isso crescemos depredando a natureza.

Hoje estamos resolvendo parte dessas marcas. O Brasil está crescendo democraticamente e avaliando os riscos. E estamos crescendo com distribuição de

renda. O Brasil está distribuindo para crescer. Invertemos a equação do Delfim. (Crescer para depois distribuir). Nós não resolvemos o problema da sustentabilidade, do uso dos recursos naturais. Logo o grande desafio do governo Lula e do próximo que o suceder é que temos que incorporar a questão da sustentabilidade ambiental à cultura do desenvolvimento no Brasil. (temos que ter uma visão crítica a respeito do progresso, ou seja, queremos o progresso?). Queremos sim! O Brasil não pode como desejam outros países, o Brasil abrir mão de seu direito ao desenvolvimento, isso é assunto nosso! Temos que corrigir essa insanidade que é a desigualdade social no país, mas não se faz isso sem construir hidroelétrica, ferrovia, hidrovias. É preciso, no entanto compatibilizar isso à necessária proteção ambiental.

**Adriane Hinkel: você atualmente dá uma contribuição à Agência Nacional das Águas. Qual a mensagem que o passado de um menino nascido à beira do Rio Tocantins pode dar a um articulador político que pensa as águas do Brasil. Que lembrança você traz do rio?**

*O Porto Submerso* é exatamente a lembrança, a saudade e a esperança. Eu resolvi escrever o *Porto submerso* porque parte do município foi coberto, parte da paisagem da minha infância. Fiz um vídeo com esse mesmo nome para mostrar para os meninos das escolas lá do porto. E o livro na verdade é um roteiro do vídeo. Esse livro recolhe os aspectos da paisagem, tanto da paisagem construída quanto das pessoas. Esse livro eu escrevi a partir de uma conversa com uma pessoa que talvez tenha sido o mais profundo conhecedor do cerrado brasileiro, cidadão escritor aqui do Centro-oeste (precisamente GO) chamado Carmo Bernardes. Premiado, recebeu vários prêmios inclusive o da casa das Américas. E nessa conversa com Carlos Bernardes, (estávamos fazendo parte de um júri de literatura em Palmas) ele já velhinho. Passamos uma noite inteira conversando. Conversamos até nascer o sol. E para mim foi um privilégio conversamos sobre águas, cerrados, conversamos em uma noite o que seria possível em 10 anos. (risos)

Os poemas carvoeiros é o caminho que vai do cerrado até o lingote do vale do Rio Doce. Mostra o trajeto que é percorrido e o que esse processo absorve como energia humana e como energia ambiental para que o lingote seja produzido. Outro aspecto é que eu faço um diálogo de dois rios (quero destacar que eu não escrevi esse livro depois que entrei na ANA). É um personagem que eu criei e que dialoga com o poeta, a rigor

eu me sirvo de um personagem absolutamente marginal que as pequenas cidades, diferentemente das grandes, tratam com tolerância, pois as grandes cidades levam para o hospício. Então esse personagem, Mastruz dialoga com Pedro ao longo do primeiro poema nascente. O mastruz diz assim:

“Derivo de uma desconhecida estirpe de silêncios.  
Outra coisa não sou senão a sombra do que te arrasta  
para fora dos mapas de tua pele.  
Se alguém vier indagar por essa conversação com os escuros,  
com os abismos, com o espantinho do fundo do quintal,  
seja sucinto: não é ninguém, não... é Mastruz...”  
(Tierra, Pedro. *O Porto Submerso*. Brasília, DF: Editora Brisa, 2005).

Finalizamos esta entrevista com a fiel segurança de que as palavras de Tierra são carregadas de uma esperança cotidiana e de uma coragem alimentadoras da luta comum a pessoas de almas libertas, como a do companheiro Hamilton com sua poesia desafiadora nos traços precisos e corajosos de Tierra.